

Sedentarismo, dificuldades de relacionamento e distúrbios do sono são algumas das conseqüências do sucesso corporativo, segundo a pesquisa "Contexto dos Presidentes", divulgada nesta quarta-feira (2/04) pelo CTE - Centro de Tecnologia Empresarial da Fundação Dom Cabral.

O trabalho, que envolveu dirigentes de 40 empresas entre as 500 maiores e melhores do país, de acordo com a revista Exame, revela o "preço" do sucesso corporativo.

o sedentarismo (70%) aparece no topo da lista das conseqüências mais nefastas para a vida pessoal. Na seqüência estão o adiamento dos projetos particulares (58%), as dificuldades de relacionamento familiar (39%) e o comprometimento da saúde (39%), fator associado a distúrbios do sono (31%) e instabilidade emocional (23%).

Embora 80% dos executivos se sintam orgulhosos de ter atingido o posto máximo da empresa onde trabalham, a maioria experimenta, ao mesmo tempo, frustração pelo adiamento, por tempo indeterminado, de projetos pessoais.

PREÇO DO SUCESSO CORPORATIVO

70% Sedentarismo

54% Realizações adiadas

39% Problemas no relacionamento familiar

39% Comprometimento da saúde

31% Distúrbios do sono

23% Instabilidade emocional

19% Outros

Coordenado pelos professores da Dom Cabral, Léo Bruno e Mariá Giuliese, o estudo teve por objetivo entender o mundo em que vivem esses executivos, tendo em vista tanto as dimensões empresarial e de negócios como a pessoal e de carreira.

A pesquisa rastreou as práticas adotadas pelos presidentes na condução das empresas e dos negócios. Também focou aspectos do indivíduo, como crenças, valores e modo de agir no que tange a trabalho, carreira, família, participação na sociedade e visão de mundo.

"A análise do questionário revelou uma preocupação em fornecer respostas ideais, mas logo a pesquisa mostrou questões pessoais encobertas pelo personagem que é assumido em função do cargo", disse Mariá Giuliese.

Segundo Giuliese, o trabalho revelou sofrimento e frustração pelo adiamento de projetos pessoais, postergados em prol das demandas corporativas.

Segundo Giuliese, esses profissionais parecem cada vez mais solitários e isolados. "O medo de perder posição e poder faz com que os executivos se sintam reféns da situação e evitem manifestar oposição ao establishment".

Na pesquisa, a globalização é percebida como tendência inevitável, que interfere na privacidade, pois, em função dos fusos horários, exige que os canais de comunicação permaneçam abertos a qualquer hora do dia ou da noite. Com isso, o profissional acaba levando os negócios para dentro de sua casa, o que interfere nas relações e nas rotinas familiares. "É fato, também, que a globalização diminuiu o poder que esses executivos detinham, e esse esvaziamento contribui para o sentimento de frustração", disse a especialista.

A interface com o "board" constitui outra fonte de estresse. O estudo mostra que, buscando não se comprometer e evitar o risco de ser destituído do cargo, o presidente vai ao Conselho Administrativo mais para dar satisfação do que para compartilhar problemas e pedir ajuda. Embora cerca de 80% compartilhem a missão e discutam a cultura da empresa com o conselho, aproximadamente 20% dos entrevistados revelam forte dissonância entre os desejos e as decisões do board e o que é possível realizar, indicando que a mesma instância que pactua a missão solicita práticas incompatíveis com as diretrizes apontadas.

PERFIL PESQUISADO

Sucesso, poder e status estão entre as razões apontadas por 60% dos consultados como fatores determinantes para que perseguissem a posição mais alta de sua área. Igual porcentagem se refere a uma infância limitada por dificuldades econômicas, o que teria servido como mola propulsora para vencer desafios em busca de prestígio e ascensão social. Os entrevistados também fizeram referência ao sacrifício dos pais e à expectativa de recompensá-los pelo esforço empreendido.

Pós-graduação *latu sensu*, experiência internacional e inglês fluente são unanimidades, e 77% também se comunicam em espanhol. A maioria já atuou em, no mínimo, quatro empresas, registrando mais de oito anos na função de principal gestor.

Todos os presidentes ouvidos foram do sexo masculino, 92% casados e 85% com filhos. Predominam os profissionais na faixa dos 51 aos 60 anos (56%) e apenas 3% estão entre 31 e 40 anos, totalizando 41% os que ficam no grupo intermediário.

Entre as companhias consultadas, 65% são multinacionais e 35% de capital nacional (58% indústrias, 42% empresas de serviço). Quanto ao faturamento, 40% apresentam vendas acima de US\$ 1 bi.

PLANEJAMENTO DO FUTURO

Em relação à fase da carreira em que se encontram, todos os presidentes consultados acreditam estar na maturidade. Quando indagados sobre o que caracteriza essa percepção, fornecem informações relativas à posição que ocupam e não quanto ao aprendizado adquirido e à forma como atuam. No que se refere ao preparo do sucessor, aspecto que denota maturidade pessoal e profissional, a maior parte dos entrevistados (55%) afirma não ter dificuldade em fazê-lo, mas poucos (20%) estão efetivamente preocupados com o assunto ou empenhados em realizar esse preparo.

Quanto à gestão da carreira, menos da metade dos entrevistados recorrem a profissionais especializados. Em geral, mencionam encontros informais, com duração irregular e sem programa estruturado. Ainda que 73% afirmem dispor de plano de continuidade, as entrevistas apontaram que não há nenhuma ação prática neste sentido.